

Apresentação

O projeto filosófico intercultural da Revista TARKA

Presentation: The intercultural philosophical project of TARKA's Journal

Matheus Oliva da Costa

A história do campo filosófico brasileiro é marcada por formas de fazer filosófico eurocentradas, seja pela referência central da leitura estrutural francesa em alguns centros de formação (ARANTES, 1994), seja por modos de leitura e escrita centrados em fontes alemãs (FANTON et al., 2024). Nos casos em que não é um saber eurocêntrico, a tendência mais comum é a de encontrarmos a filosofia em um ambiente acadêmico pautado pela tradição analítica derivada de países de língua inglesa, especialmente dos EUA e do Reino Unido. Por vezes, sequer se aceita haver filosofia do Brasil — um paradoxo, quando falado por filósofos profissionais brasileiros que negam sua própria “filosofidade”.

Diante dessa situação, existem vozes dissonantes. Dessas divergências, destacamos os questionamentos e as iniciativas das décadas mais recentes que buscaram atender a essa demanda por formas mais abertas e críticas de fazer filosofia a partir da redemocratização dos anos 1980. Nesse período que nos é mais recente, observa-se diversas iniciativas de legitimar o estudo de filosofias africanas, indígenas, asiáticas, latino-americanas e tantas outras que têm apontado para a necessidade de suprir as lacunas do currículo filosófico institucional brasileiro — mulheres na filosofia, filosofia prática, ensino de filosofia etc. Uma dessas iniciativas de destaque é a própria constituição da

Associação Latino-Americana de Filosofia Intercultural (ALAFI) que, desde 2019, busca promover a interculturalidade entre os filósofos de todo o Brasil em articulação com colegas do campo filosófico latino-americano. O predicado “intercultural” não é um adjetivo escolhido à toa: não se trata de mera tolerância ou de aceitação multicultural de outras fontes filosóficas além das europeias, nem mesmo de uma interculturalidade funcional — ou “pós-colonial” — que ignora o peso político do capitalismo, mas de uma interculturalidade crítica ao colonialismo e às várias formas de opressão e assimetrias que impactam a humanidade, conforme articula Catherine Walsh (2010).

Seguindo Ram Mall (2025), que palestrou no primeiro congresso da ALAFI, realizado na USP em 2019, os membros da ALAFI entendem que a filosofia intercultural não é uma “nova disciplina”, por assumirem que a própria filosofia é e sempre foi, em toda a sua história, intercultural. Isso porque os diversos pensadores de todo o mundo sempre estiveram em diálogo uns com os outros para lidar não apenas com seus problemas contextuais, mas também com os comuns ou transculturais, caracterizando a troca intercultural como marca constitutiva dessas interações. A desqualificação de matrizes culturais específicas ou a deliberada recusa em aceitar contribuições dadas por pensadores de outros sistemas filosóficos é reflexo do colonialismo europeu moderno. Para superar esse racismo identificado por Aníbal Quijano (2000) na configuração dos sistemas intelectuais que conformam a mentalidade latino-americana — em uma estrutura que confere assimetria de poder e de conhecimento derivadas de processos coloniais — é preciso pensar também em uma interculturalidade filosófica em termos propositivos. A agenda

intercultural de Mall (2025) implica também que cada agente intelectual exerça uma posição crítica contra formas não apenas eurocentradas, mas contra qualquer forma de absolutização de uma filosofia ou de uma forma específica de filosofar.

Toda essa crítica não implica, de forma nenhuma, em uma suposta diminuição da literatura filosófica europeia, e de nenhuma outra, mas em uma postura inclusiva em relação a todas as formas de argumentação, raciocínio e estabelecimento de ideias que possam ser compreendidas como filosofias, em sua pluralidade. De fato, nem toda produção intelectual é filosófica — pois há várias formas de pensar: sociologicamente, pedagogicamente, medicamente, juridicamente etc. Mas em todas as culturas há potencial para expressões filosóficas em múltiplos sentidos. Não se trata nem de defender um essencialismo identitário — especialmente envolvendo noções como a de que a “filosofia” seria situada de modo único na Grécia Antiga — nem de afirmar diferenças tão radicais a ponto de os diálogos não serem possíveis — como vemos nas defesas de que a especificidade de um “pensamento africano”, por exemplo, implicaria uma incomensurabilidade em relação ao raciocínio filosófico moderno europeu. O método da ALAFI é justamente o de manter uma receptividade a toda produção intelectual humana, estabelecendo diálogos, experimentando e verificando, na prática, as mais diversas formas de filosofar.

Uma das maneiras de viabilizar essa agenda de trocas interculturais críticas no campo da filosofia é por meio de uma revista acadêmica. Por isso, um dos primeiros projetos coletivos da ALAFI foi, justamente, a criação de um periódico acadêmico capaz de oferecer espaço para a publicação

— e publicização — das mais diversas formas de praticar filosofia. A TARKA — Revista de Filosofia Intercultural é a materialização dessa agenda. Para isso, docentes de filosofia filiados à ALAFI uniram forças para buscar implementar esse projeto por meios institucionais. Deste esforço conjunto surgiu a parceria com a Universidade Federal do Cariri (UFCA), mediada pelo professor Francisco José da Silva, e o apoio editorial da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), mediado pelos professores Flávio Américo Tonnetti e Frederik Moreira dos Santos. Pensado coletivamente, o nome *Tarka* foi escolhido por apresentar uma confluência cultural bastante significativa: entre os povos Aymara dos Andes, é a palavra usada para referir-se a uma flauta e, na epistemologia indiana clássica, é o termo que se usa para designar “argumento”. Nessa conjunção cultural e linguística, estética e epistemológica, teórica e prática, o termo “tarka” expressa o próprio significado de interculturalidade pretendido pelas instituições e pelos pesquisadores que organizam a revista.

Matheus Oliva da Costa

Editor da TARKA, membro da Associação Latino-americana de Filosofia Intercultural (ALAFI) e da Red Iberoamericana de Filosofía China (RIFCH). Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

<https://orcid.org/0000-0001-6537-2188>

Referências

- ARANTES, Paulo Eduardo. Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 1960). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo, Lander (org). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Ediciones CLACSO, 2000, pp. 201-246.
- FANTON, Marcos; MOTA, Hugo R.; ARAÚJO, Carolina M. B.; SILVA, Mitieli S.; CANUTO, Raquel. Philosophical research in Brazil: A structural topic modeling approach with a focus on temporal and gender trends. *Metaphilosophy*, v. 55, n. 3, p. 457-501, 2024.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine. *Construyendo interculturalidad crítica*. La Paz, Bolivia: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-93, 2010.